



Editorial

A Revista Mal-Estar e Sociedade inicia seu primeiro número de 2025 em meio a uma importante inflexão no cenário da produção científica brasileira. Estamos, de fato, vivendo o fim de uma era: a extinção do sistema de classificação Qualis Periódicos da Capes. A mudança, anunciada no Ofício Circular n. 46, de 2024 – DAV/CAPES, inaugura um novo paradigma avaliativo centrado na análise individual de cada artigo científico, conforme critérios a serem estabelecidos pelas áreas de avaliação no novo ciclo 2025–2028.

Em lugar de ranquear periódicos, o novo modelo volta-se à qualificação dos artigos com base em três possibilidades metodológicas: (1) indicadores bibliométricos; (2) análise combinada da qualidade do artigo e das credenciais do periódico (como indexações e alcance); e (3) critérios qualitativos próprios de cada área do conhecimento. Assim, a produção científica passa a ser avaliada em sua singularidade, resgatando o protagonismo do texto e a responsabilidade autoral pela qualidade e circulação de suas ideias.

Esse novo cenário exige uma postura mais ativa por parte dos autores: a boa ciência publicada precisa, mais do que nunca, ser visibilizada. Altimetria, impacto social, compartilhamento em redes acadêmicas e plataformas de divulgação científica tornam-se elementos-chave para ampliar o alcance e o reconhecimento dos trabalhos. A revista, nesse contexto, é tanto espaço de acolhimento editorial qualificado quanto plataforma de projeção intelectual. Já os seus colaboradores-autores tornam-se ainda mais agentes corresponsáveis pela difusão e credibilidade do conhecimento produzido.

É com este espírito, de compartilhamento da ação de divulgar suas produções científicas, que apresentamos a edição n.º 1 de 2025, composta por 12 artigos que promovem diálogos relevantes no campo das Ciências Humanas, da Educação e das Políticas Públicas. Os textos aqui reunidos revelam não apenas a pluralidade de enfoques e metodologias, mas também uma sensível atenção aos dilemas sociais, culturais e políticos do nosso tempo.

A edição se abre com o instigante ensaio “A mercadoria e o exercício de Antropologia Reversa”, de Marcela Santana Felix da Cruz e Marcos Cesca Esperança, que subvertem a lógica ocidental da cultura a partir de um diálogo entre cosmologias indígenas e teorias antropológicas contemporâneas. Essa ruptura epistêmica encontra eco no artigo “A Teoria Contratualista: um paradoxo entre liberdade e segurança?”, que Douglas Salazar revisita Hobbes e Rousseau à luz das tensões modernas entre ordem e justiça.

No campo educacional, os estudos “A Educação Especial na rede estadual de ensino do Estado de Minas Gerais”, de André Luiz Lockmann, e “Projetos eletrônicos no ensino médio”, de Augusto Henrique Mello da Silva e Nabasha Cássia Souza Félix Pereira Batista, demonstram, por perspectivas distintas, a necessidade de políticas inclusivas e metodologias inovadoras frente às reformas curriculares. Soma-se a esse eixo o artigo “Anúncios publicitários nos meios digitais”, em que Heloydecarlo Costa explora os multiletramentos como ferramenta crítica de inserção no mundo digital.

A complexidade das vulnerabilidades sociais é analisada sob diferentes prismas: da exclusão seletiva de adolescentes no sistema penal no artigo “Exclusão, seletividade penal e adolescentes”, de Mateus Magalhães da Silva; e passa pela análise interseccional do corpo feminino na literatura, no texto de Arieli Januzzi Buttarello e Murilo Leite Pereira Neto, “Esboço sobre a relação entre Estado e corpo na literatura escrita por mulheres”. Em consonância, a resenha crítica “Sobre o pobre de direita”, Daniela Paiva e Wallace Faustino da Rocha Rodrigues, e a discussão sobre a criminalização da maconha, no artigo “Desordem em progresso, com a ordem o regresso: implicações acerca da criminalização da maconha no Brasil”, de Thaysa Araújo e Tiago Iwasawa Neves, desvelam os mecanismos ideológicos e estruturais que mantêm desigualdades e estigmas sociais no Brasil.

No próximo artigo, “O que é Renda Básica Universal?”, Alexsander Araújo amplia o horizonte teórico e político dos direitos sociais, enquanto Dora Deise Stephan Moreira, no texto “Campo religioso brasileiro: desencantamento ou (re)encantamento do mundo?” convida à reflexão sobre espiritualidade, modernidade e transformações culturais. Por fim, o estudo internacional “Percepções dos adolescentes portugueses sobre indisciplina escolar”, escrito por Ernesto Candeias Martins, oferece um olhar comparativo e transnacional sobre desafios educacionais, ampliando os horizontes da discussão.

Esta edição reafirma o compromisso da revista Mal-Estar e Sociedade com a circulação de produções acadêmicas comprometidas com o rigor, a pertinência e a transformação social. Agradecemos cada contribuição, de cada autor que submeteu seus trabalhos, demonstrando confiança em nosso periódico. Estendemos nossa gratidão aos pareceristas e demais membros da equipe de editoração, cuja atuação técnica, ética e criteriosa em sido essencial para a qualidade desta publicação.

Encerramos, desejando que apreciem esta edição, sem esquecer que a ciência é construída de forma colaborativa, plural e engajada. Aguardamos os novos critérios de avaliação, agora dos artigos, no ensejo de que este novo ciclo avaliativo traga mais oportunidade

e possibilidades, menos burocracia classificatória. E quanto ao velho sistema que até aqui nos acompanhou, deixamos aqui nosso epitáfio: “Descanse em paz, Qualis/Capes. Que o conhecimento viva”.

Luciano Alves Nascimento e
Daniele Ribeiro